

Sem tempo "nem para refletir"

9 ABR 1985

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

Primeira decisão importante: sua agenda de audiências deixou de ser preparada por Vera Sabará — a "Verinha", secretária que o acompanha desde quando era presidente do PDS, acostumada a sempre "dar um jeitinho" para que mais um político entrasse em seu gabinete — e passou às mãos severas do próprio ministro-chefe do Gabinete Civil, José Hugo Castelo Branco. De nada adiantou. O primeiro dia de trabalho do presidente em exercício José Sarney desde que anunciou, anteontem, que "agora o governo vai deslanchar", foi repleto de audiências e conversas, sem sobrar tempo para que ele refletisse sobre a ação de governo — como queria Sarney ao decidir trocar Verinha por José Hugo.

Desde as 6 horas da manhã de ontem, quando acordou, até o momento em que deixou o gabinete de trabalho no Palácio do Planalto, às 19 horas, Sarney concedeu nada menos do que 15 audiências; e falou mais de 50 vezes ao telefone. Na última terça-feira, dia 2, quando resolveu transferir a elaboração da agenda para o chefe do Gabinete Civil já pensando em assumir de fato o governo, José Sarney concedeu 16 audiências, recebendo 31 pessoas. Não foi nada. Hoje, serão 19 audiências para 57 pessoas, entre às 7h30 e 18h30.

Cargos para o Piauí. Este foi o tema logo da primeira conversa de Sarney ontem. Ele acordou às 6 horas — como faz desde o dia 15 de março —, arrumou-se, olhou rapidamente os jornais e sentou-se à mesa, às 7h45, aguardando para o café da manhã o deputado federal Heráclito Fortes (PMDB) e o presidente do Sero, José Dion Teles, ambos piauienses.

Em 30 minutos, recebeu os dois, em separado. À saída, só o parlamentar falou: "Argumentei que o Piauí está acostumado a ter cargos a nível

de ministro de Estado, e que agora encontra dificuldades até para colocar gente no terceiro escalão. Pedi 50 cargos para o Estado", contou Fortes.

Às 8h45, José Sarney entrava no palácio do Planalto. À sua espera, estava o ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Souza Mendes, que nestes 25 dias tem aparecido como o seu mais próximo colaborador. O general informou-o do estado de saúde do presidente eleito Tancredo Neves, da situação geral do governo e do País. Tudo em 20 minutos, até à entrada do chefe do Gabinete Militar, general Bayma Denys, por mais 20 minutos. O despacho com o ministro José Hugo Castelo Branco, do Gabinete Civil, seria um pouco mais longo, de 50 minutos, seguido do ministro da Fazenda, Francisco Dornelles (30 minutos), e do ministro da Justiça, Fernando Lyra (30 minutos).

Quando o deputado federal Ademir Andrade (PMDB-PA) entrou no gabinete de Sarney, às 11h30, encontrou-o de bom humor, tranqüilo, sereno e dizendo-se confiante na recuperação de Tancredo Neves. Segundo um de seus assessores, José Sarney, poeta e temperamental, tem oscilado seu estado de humor entre a euforia e a depressão, dependendo das notícias que recebe sobre a saúde de Tancredo.

Mas até o final do dia de ontem, assoberbado de trabalho, Sarney mostrou-se tranqüilo a todos os seus interlocutores. Ademir Andrade, por exemplo, foi pedir a transformação do Ministério Extraordinário de Assuntos Fundiários em Ministério da Terra, de caráter permanente. Calmamente, Sarney respondeu-lhe que decreto semelhante estava pronto há 15 dias, aguardando apenas por uma definição mais precisa sobre a recuperação do presidente eleito Tancredo Neves. O decreto será assinado nos próximos dias, informou ao deputado o presidente em exercício.

Enquanto o deputado paraense permanecia em seu gabinete, o telefone tocou. Sarney atendeu. Era o governador de São Paulo, Franco Montoro, dando as últimas informações sobre a saúde de Tancredo Neves. Sarney abriu um largo sorriso — segundo o relato de Andrade — e disse: "Agora, Tancredo Neves marcha para uma firme recaminhada rumo à recuperação". Em seguida, voltou a conversar sobre os problemas do Pará.

Antes do almoço em sua residência, o Palácio Jaburu, José Sarney recebeu ainda o deputado federal José Frejat (PDT-RJ), que foi lhe pedir apoio a um projeto de lei em tramitação no Congresso, que concede royalties aos Estados produtores de petróleo, e o jurista Clóvis Ramallete, ex-consultor-geral da República e atual ministro do Supremo Tribunal Federal.

À tarde, uma nova agenda cheia para o presidente em exercício. Ele encurtou seu horário de almoço para receber o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, acertou a nomeação de Mário Bhering para a presidência da Eletrobrás e de José Carlos Boanova para a Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM). Depois foi a vez do deputado federal Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE), ex-candidato a líder do governo na Câmara, o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, do deputado federal França Teixeira (PFL-BA) e o ministro da Educação, Marco Maciel.

Depois da última audiência, foi a hora de José Sarney parar para pensar nos atos do governo. No decorrer do primeiro dia de trabalho em que assumiu todas as responsabilidades do governo, o presidente em exercício assinou 14 atos, entre nomeações, exonerações, revogações, expulsões, e até um decreto denominando o edifício sede do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, de Palácio Gustavo Capanema.